

## As invencionices de Bernadette Lyra: entrevista

### *The Inventionitis of Bernadette Lyra: Interview*

Andréia Delmaschio\*  
Vitor Cei\*

Uma das mais (re)conhecidas escritoras da história da literatura do Espírito Santo, Bernadette Lyra nasceu em Conceição da Barra, em 1938. Atualmente vive entre Vitória e São Paulo. Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, concluiu mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, doutorado em Cinema pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado pela Université René Descartes/Paris V.

Professora Emérita da Ufes, trabalhou na universidade de 1976 a 1991, tendo retornado, ainda, em diversas ocasiões, como docente e pesquisadora. Atualmente é professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades, vinculada à linha de pesquisa Estéticas e Linguagens Comunicacionais.

---

\* Doutora em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

\* Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Lyra também foi Secretária de Estado da Cultura do Espírito Santo e professora colaboradora no Departamento de Cinema da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Audiovisual da Universidade Anhembi Morumbi e docente nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Tuiti, do Paraná, e da Universidade Paulista (UNIP). Foi Professora Visitante na Universidade do Algarve, Portugal. É Sócia Fundadora e, atualmente, Membro do Comitê Científico da Sociedade Brasileira de Cinema e Audiovisual (Socine).

A homenageada deste número da revista *Fernão* é autora de vasta obra literária. Publicou contos: *As contas no canto* (Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981); *Corações de cristal ou A vida secreta das enceradeiras* (José Olympio, 1984); *O jardim das delícias* (Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1983); *Memórias das ruínas de Creta* (A Lápis, 1997/2018); *O Parque das Felicidade* (A Lápis, 2009). Romances: *A panelinha de breu* (Estação Liberdade, 1992); *Tormentos ocasionais* (Companhia das Letras, 1998); *A capitoa* (Casa da Palavra, 2014); *Ulpiana* (A Lápis, 2019). Novela: *Aqui começa a dança* (Marco Zero, 1985). Crônicas: *Água salobra* (Cousa, 2017).

Escritora multipremiada, Bernadette Lyra ocupa a cadeira 01 da Academia Espírito-Santense de Letras e é Membro Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Estado do Espírito Santo. Dentre os inúmeros prêmios recebidos, destacam-se indicação ao Prêmio Jabuti (1998), Comenda Cultural Rubem Braga (2011), Medalha Renato Pacheco de Honra ao Mérito Cultural (2014), Medalha Rubem Braga (2015) e Pesquisadora do Ano da Socine (2018).

A autora também tem experiência nas áreas de Comunicação e Artes, tendo publicado livros e artigos sobre cinema e audiovisual, atuando como organizadora, curadora e jurada de Mostras e Festivais de Cinema em todo o país, com destaque para o estudo e a promoção daquilo que ela denominou como

Cinema Periférico de Bordas (LYRA; SANTANA, 2006), produções realizadas por cineastas autodidatas que moram em comunidades das periferias do Brasil.

O diálogo da escritora com Vitor Cei e Andréia Delmaschio, tecido em março de 2018, adota o método da entrevista online estruturada, técnica de coleta de dados na qual as perguntas, enviadas e recebidas por e-mail, são formuladas e respondidas a partir de um roteiro previamente estabelecido (BONINI, 2000; NICOLACI-DA-COSTA, 2009).

A entrevista que segue é uma atividade do projeto de extensão “Notícia da atual literatura brasileira: entrevistas”, que se apresenta como um esforço de mapear a produção literária brasileira do início do século XXI contando com a perspectiva dos próprios escritores. O intuito é a preservação, promoção e difusão das linhas de força que atualmente orientam a constituição do campo literário no país. O projeto foi registrado na Universidade Federal de Rondônia sob a coordenação de Cei, entre 2017 e 2018, com a participação de Delmaschio e dos professores André Tessaro Pelinser (UFRN) e Letícia Malloy (Unifal).

**V.C. e A.D.: Cada escritora possui um *modus operandi*, por assim dizer. Você poderia nos falar um pouco sobre as opções formais que norteiam seu projeto literário?**

**B.L.:** Gosto de pensar que as ideias vão brotando das formas. Acredito na força das palavras, das frases, da pontuação, dos parágrafos, de todo esse arsenal que é a matéria de expressão com que conta a literatura. Mas, acima de tudo, o que mais persigo é o ritmo. A narrativa vai surgindo e se acomodando ao longo do encadeamento da escrita. Então, quando vejo, lá está pronta uma história. Por isso, meu trabalho é escrever, cortar e reescrever. Isso leva algum tempo e demanda um certo investimento. Sobretudo porque, além de tudo, eu tenho

mania de síntese. E tenho paixão pelo que é essencial. Talvez essas minhas opções sejam as de uma contista, não sei bem, não gosto de cristalizar o que escrevo em caixinhas de gêneros literários bem determinados.

**V.C. e A.D.: Como você define a sua trajetória literária? Houve um momento inaugural ou o caminho se fez gradualmente? Em que momento da vida você se percebeu uma escritora?**

**B.L.:** A respeito desse momento inaugural, só sei que ao escarafunchar a memória vou me apropriando de certas lembranças. Sempre fui tida como uma criança cheia de “invenções” estranhas, de tanto que me aprazia narrar as coisas de minha imaginação. E acredito até que, antes mesmo de aprender a ler e escrever, eu já me deliciava em usar as palavras para criar histórias. Depois, nem se fala! Incentivada pelo meu avô materno, que era autodidata e tinha uma estante coalhada de revistas e livros, comecei a ler tudo que me caía nas mãos e continuei a ler muito mais. Daí a escrever foi uma consequência natural do desenvolvimento de minha trajetória. Mas não posso deixar de mencionar Guilherme dos Santos Neves, um professor que tive e que foi quem, pela primeira vez, ao ler uma pequena redação minha feita para uma prova ginasial me falou: “Menina, você é uma escritora”. E eu acreditei!

**V.C. e A.D.: Você é uma das escritoras capixabas mais (re)conhecidas. *Memórias das ruínas de Creta* (A Lápis, 1997) foi indicado ao Prêmio Jabuti, alguns de seus contos foram publicados em coletâneas estrangeiras, você ocupa a cadeira número 1 da Academia Espírito-Santense de Letras e um prédio do Departamento de Línguas e Letras da Ufes recebeu o seu nome. Como você vê a recepção da sua obra?**

**B.L.:** Saber que tenho leitores e que o que escrevo desperta reconhecimentos, muito me honra e me enche a alma de alegrias e mimos. Mas, estou sempre

pronta a aceitar o que der e vier. Fazer elogios ou deselogios é uma prerrogativa dos leitores e da crítica. Escritores escrevem. E só podem contar com os riscos.

**V.C. e A.D.: Grande parte da sua ficção é protagonizada por mulheres e aborda facetas do dito “universo feminino”. Qual o papel do escritor e da escritora diante de uma realidade como a atual, em que, no mundo inteiro, ascende uma onda de pensamentos e sentimentos reacionários, expondo matizes neofascistas, racistas, misóginos e homofóbicos?**

**B.L.:** O mundo anda mesmo de cabeça para baixo, parece que houve uma inversão de tudo que a civilização pretendeu construir para a garantia de uma convivência minimamente pacífica entre as criaturas. Diante dessa convulsão, o que pode um escritor ou uma escritora fazer a não ser resistir em sua humildade e transcrever com palavras o ato de possuir, encarnar e descarnar a sua própria voz, pondo-a a serviço daquilo em que acredita e que crê ser demarcatório entre humanidade e desumanidade?

**V.C. e A.D.: De que modo a sua vasta experiência como professora se entrecruza com o trabalho de escrita?**

**B.L.:** É muito bom ser professora. Conviver com o pensamento de gente de todas as espécies e de todas as idades é uma oportunidade inigualável para quem, como eu, se aventura na floresta da inclusão de todas as experiências, na vontade (nem sempre bem-sucedida) de compartilhamento com outros seres do mundo. De toda maneira, agradeço aos deuses por essa dádiva de poder participar do rico banquete das diferenças no meu dia-a-dia entre alunas e alunos.

**V.C. e A.D.: Você percebe que trabalha de modo diferente quando cria um personagem masculino? Como surgiu a ideia de criar uma**

**personagem sem definição de gênero, no livro *Tormentos Ocasioneis* (Companhia das Letras, 1998)?**

**B.L.:** A personagem principal de *Tormentos ocasionais* pode ser dita como sendo a própria linguagem. Aqui, uso linguagem no sentido que Humberto Maturana dá a esse tão desgastado termo, quando diz: “Vivemos todos na linguagem, a qual se fundamenta nas emoções”. Ou seja, no caso deste meu citado romance, a personagem é a impossibilidade letal de estabelecer contato efetivo, de trocar afetos com as coisas do mundo, que atormenta a narradora, quando esta tenta registrar com palavras o caos da memória. Quanto ao fato de criar personagens, o que me interessa são as fissuras que nelas aparecem, tanto de masculinidade, quanto de feminilidade. Talvez as personagens femininas sejam mais determinantes, pois me são muito próximas em suas condições histórico-culturais, porém não quer dizer que eu trabalhe com literatura de guetos.

**V.C. e A.D.: Em livros como *A panelinha de breu* (Estação Liberdade, 1993) e *A capitoa* (Casa da Palavra, 2014), você reinventa a vida e a obra de diversas personalidades históricas, como Maria Ortiz e Luiza Grinalda. Por que embaralhar as fronteiras entre ficção e realidade?**

**B.L.:** Não tenho problemas com a chamada realidade, desde que fique claro que, para mim, a ficção literária é uma realidade também. E nessa outra realidade da ficção, não lido com pessoas, lido com personas, que nada mais são que uma variante da personalidade, às vezes bem diferente daquela que uma pessoa tenha, seja ou que tenha sido. Assim, Maria Ortiz e Dona Luiza, essas duas mulheres entre tantas outras que habitam meus contos e romances, são o resultado de uma série de escolhas e de lampejos que têm mais a ver comigo e com minha imaginação de que com as figuras históricas. São personas que se movem em meu universo ficcional particular. Não importa que tenham ou não existido na chamada vida real.

**V.C. e A.D.: O que você acha dos escritores brasileiros contemporâneos? Ou, afastando a pergunta de nomes específicos, para pensar a literatura brasileira atual como um todo: o que você vê?**

**B.L.:** Certa vez, em entrevista publicada na antologia *Musa paradisíaca*, o poeta e jornalista Carlos Ávila, editor do *Suplemento Literário de Minas Gerais* (1995/1998), afirmou que o convívio literário hoje, no Brasil, está muito disperso e fragmentário. A partir dessa constatação, talvez eu possa dizer o quanto é difícil pensar a literatura brasileira atual como um todo. A produção literária brasileira enfrenta muitos problemas, que, para além do provincianismo ou do protetorismo, passam também pelas dificuldades econômicas dos setores ligados à literatura, tais como edição, distribuição, divulgação e venda de livros. Sem falar no descaso com a educação em nosso país, sobretudo com a formação de leitores. O que posso dizer é que não existem suficientes permutas, convívios, contatos e outras formas de conhecimento que seriam capazes de desenvolver uma zona de avaliações, trocas e emulações mais seguras para que eu responda a essa pergunta. Os escritores estão em uma espécie de "tocas" individuais e particulares. Grupos, movimentos, qualquer coisa que cheire a coletivos? Nem pensar! Mas os componentes da tribo continuam a escrever, valentemente. No mais, em termos de estilo, de preferências por temas, de gêneros ou mesmo de técnicas, creio que tudo anda como antes: cada qual faz o que sabe e fala do que mais lhe apetece.

**V.C. e A.D.: Você está escrevendo algum livro no momento?**

**B.L.:** Esta é minha vida: estou sempre escrevendo ficção. Tenho livros prontos que espero publicar ainda neste ano de 2018.

## V.C. e A.D.: Alguma consideração final?

**B.L.:** Agradeço a paciência e a generosidade dos entrevistadores pela inclusão de minha fala neste espaço aberto a confissões, opiniões e contradições de quem ainda escreve e faz literatura nesses nebulosos tempos da contemporaneidade.

## Referências

BONINI, Adair. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. *Revista de Letras*, Fortaleza, n. 22, v.1/2, jan./dez. 2000.

LYRA, Bernadette. *Memórias das ruínas de Creta*. 2. ed. São Paulo: A Lápis, 2018.

LYRA, Bernadette. *Água salobra*. Vitória: Cousa, 2017.

LYRA, Bernadette; SANTANA, Gelson (Org.). *Cinema de bordas*. São Paulo: A Lápis, 2006.

LYRA, Bernadette. *Tormentos ocasionais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LYRA, Bernadette. *A panelinha de breu*. São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

LYRA, Bernadette. *Aqui começa a dança*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1986.

LYRA, Bernadette. *Corações de cristal ou A vida secreta das enceradeiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

LYRA, Bernadette. *O jardim das delícias*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1983.

LYRA, Bernadette. *As contas no canto*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.

Recebida em: 31 de julho de 2019.  
Aprovada em: 15 de outubro de 2019.